

AUSÊNCIA DO SILÊNCIO NA CONTEMPORANEIDADE

Izabel Cristina Petegrosso de Góes

RESUMO

Em tempos de hiperconectividade, a forma como a informação é disponibilizada e a adequação dos formatos para que sua rápida propagação seja possível, deixa a comunicação cada vez mais imagética e ruidosa. Isso, para que seja possível a assimilação do máximo de conteúdo no menor tempo, o que impõe uma privação ao sujeito de momentos de silêncio, que são necessários à sua subjetividade. O silêncio é, culturalmente, negativo, como um agente da censura que barra a palavra. Na sociedade atual, ruidosa e ensurdecadora, o silêncio atormenta, constrange, enlouquece e oprime. Essa sociedade estabelece o excesso da comunicação como valor supremo, implicando assim que o silêncio continue a ser significado como negativo e algo a ser deliberadamente evitado. O encontro entre o ser faltante, explicado por Lacan, e as redes sociais, pensando a construção do sujeito à luz do grande Outro, tem colocado em cheque alteridades anteriormente fundantes desse sujeito. É o estabelecimento de outro Outro, aqui representado pelas redes sociais. O sujeito de hoje definido por um novo conjunto simbólico, que lhe confere sua condição.

Palavras-chave: Silêncio, Mídia, Subjetividade, Outro.

É estabelecido por Lacan, com base em estudos sobre a linguística de Saussure, que o significante nunca alcançará o valor do significado. Talvez, nenhum significante represente tão bem esse axioma quanto o silêncio. Para entendê-lo em sua grandeza é necessário extrapolar os limites dos dicionários e pensá-lo próximo a sua completude. Pensa-lo como ferramenta para autocompreensão e, paralelamente, sua importância para construção da subjetividade.

Etimologicamente, silêncio vem do latim *silentium* e segundo o novo dicionário da língua portuguesa Aurélio, significa:

1. Estado de quem se cala.
2. Privação de falar.
3. P. ext. Taciturnidade.
4. Interrupção de correspondência epistolar...
5. Interrupção de ruído; calada.
6. Sossego, calma e paz...
7. Sigilo,

segredo... 8. Para mandar calar, ou impor sossego. (FERREIRA, 2004, p. 1845)

Nos oito itens elencados acima percebe-se que o silêncio é ligado, em seis deles, ao ato de não falar. Deduz-se, grosso modo, que são negativos, um agente de censura. Em vias gerais, o silenciar antes de ser uma ação por si só, é um ato de privação, de não falar, algo que barra a comunicação, que não permite que ela seja estabelecida.

Palavras são imprescindíveis para a cultura e sociedade. Não há como pensar o mundo e seu desenvolvimento até aqui sem pensar em comunicação e tudo possibilitado por ela para o desenho grandioso do universo atual. Mas também, não há como pensar essa mesma comunicação sem o silêncio e, nesse caso, com diferente função ao de privação da fala, mas sim como meio determinante para que a significação se dê.

A forma como se deu o progresso no mundo moderno e a rapidez com que essa transformação aconteceu nas últimas duas décadas, é uma resposta direta aos avanços sofridos pela comunicação. Foram eles que possibilitaram que o desenvolvimento tecnológico e social chegasse tão longe, mesmo que de forma desigual perante os povos.

E é ocupando esse espaço que a comunicação toma para si um papel valioso perante a humanidade, estabelecendo uma nova hierarquia de valores sociais. E talvez seja esse um dos motivos para o silêncio se perder como ação positiva e necessária nesse novo cotidiano.

Mas para pensar a comunicação, é preciso pensar a produção de sentido, e por isso, o silêncio deveria ocupar outro *status*, pois é determinante para que a mensagem seja entendida. Eni Orlandi, pesquisadora na área de Linguística e autora do livro “As formas do silêncio”, diz:

O silêncio é assim a “respiração (o folego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito.

O real da linguagem – o discreto, o um – encontra sua contraparte no silêncio. O silêncio como horizonte, como iminência do sentido, [...] aponta-nos que o fora da linguagem não é o nada mas ainda sentido. (2007, p.13)

Sem o espaço concedido por ele às palavras, elas não poderiam significar, não teriam essência alguma. Dessa forma, o ato de pausar, refletir, organizar, dado pelo silêncio à comunicação, é fundante do sentido e da própria palavra em si. Orlandi continua:

O silêncio é fundante. Quer dizer, o silêncio é a matéria significante por excelência, um continuum significante. O real da significação é o silêncio. E como o nosso objetivo de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso. (2007, p. 29)

O imperativo de comunicar dos dias atuais corrobora o sentido negativo que o silêncio tem. Não há mais espaço ou tempo para a quietude. Há uma urgência nessa comunicação, uma urgência para se dizer tudo o que se quer e pode dizer, com todas as palavras. Tempos de excessos de informação. E nessa escassez de silêncio, o sentido fica relegado a segundo plano.

Idealmente, o silêncio não deveria ser subalterno à palavra. Porém, como a linguagem ocupa esse lugar de alto reconhecimento na sociedade, estereotipar o silêncio como negativo e sem o valor real que tem, é um caminho mais fácil a seguir e, por isso, sua condição passa a ser compreensível.

No entanto, é incontestável o seu valor. Para Orlandi (2007, p. 23), “sempre se diz a partir do silêncio”, pois é uma comunicação mesmo que não-verbal e pode ser usado de diversas formas, com diversos fins. Pode ser intolerável, quando a urgência das palavras extrapola e gera aborrecimentos comuns nos dias atuais, onde não há tempo para o fôlego e a ordem é: fale! E fale rápido.

O imperativo de dizer <<tudo>> dissolve-se na ficção de que tudo foi dito, mesmo se deixar sem voz aqueles que teriam coisas diferentes a dizer, ou teriam escolhido um discurso diferente.

Dizer não é suficiente, nunca é suficiente, se o outro não tiver tempo para ouvir, para assimilar, para responder. (LE BRETON, 1997, p. 13)

Para Benveniste (1963, p.27), “de fato é dentro da, e pela, língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. [...] A sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo”. Dessa forma, a palavra é colocada, enquanto parte de um sistema de linguagem, como o interpretante da sociedade.

Segundo Santaella, interpretante “é o efeito interpretativo que o signo produz em uma mente real ou meramente potencial” (2002, p.23). Ou seja, como a coisa representada será interpretada, nesse caso a sociedade. Essa interpretação construirá, sob a ordem do discurso, o sentido dado a sociedade, paralelamente ao da consciência humana, já que, como a semiótica Isabel Jungk coloca abaixo, são processos ligados entre si.

O processo de evolução das palavras ao longo do tempo está, dessa forma, atrelado ao desenvolvimento do conhecimento e da consciência humana, pelos quais se torna compreensível como as palavras incorporam, cada vez mais, o que o homem conhece ou sente sobre os perceptos. (2016, p.179)

Sobre percepto, Jungk explica: “é todo objeto da percepção, é o que está fora da consciência e que reage sobre ela porque tem existência própria no mundo” (2016, p.175).

O que está posto é o quão inerente para o desenvolvimento da humanidade a comunicação é. Compreende-se aqui, que o estágio de evolução em que se encontra hoje a cultura só é possível por isso. Esta é uma das razões para a determinação da comunicação como valor social. Para isso, o sentido que ela traz não é considerado, o que se entende por comunicação é que apenas palavras são veículos de sentido. Quanto mais se desenvolve, técnica e conceitualmente, mais facilmente se estabelece a urgência das palavras para a população, em detrimento do silêncio.

Marshall McLuhan, teórico da comunicação, entende o meio como extensão do homem, com importância superior ao da mensagem que carrega.

Com o advento da tecnologia elétrica, o homem prolongou, ou projetou para fora de si mesmo, um modelo vivo do próprio sistema nervoso central. Nesta medida, trata-se de um desenvolvimento que sugere uma auto-amputação desesperada e suicida, como se o sistema nervoso central não mais pudesse contar com os órgãos do corpo para a função de amortecedores de proteção contra as pedras e flechas do mecanismo adverso. Pode muito bem dar-se que as sucessivas mecanizações dos vários órgãos físicos, desde a invenção da imprensa se tenha constituído numa experiência social por demais violenta e exacerbada para o sistema nervoso central. (MCLUHAN, p. 61-62)

A internet é a maior plataforma de comunicação já vista, uma rede multimídia formada por inúmeras plataformas e sites, com alcance mundial, onde é possível acesso a informações e conteúdo de forma cada vez mais rápida e quase que livremente por todos os usuários. Uma ruptura de pensamento para a sociedade, em relação aos meios de comunicação anteriores. Seguindo a lógica da teoria de McLuhan, é uma mudança social, muito mais do que técnica.

A internet foi pensada, inicialmente, para possibilitar a troca de informações entre militares de maneira segura e protegida, durante o período da Guerra Fria. E é só a partir da criação da *world wide web*, na década de 1990, que a popularização se deu e, desde então, sua expansão é vertiginosa. O criador desse protocolo, o engenheiro inglês Tim Berners-Lee (2018), acredita que em 2018 será atingido o marco de metade da população mundial com acesso regular a internet.

Voltando um pouco no tempo, antes da entrada da *web* no Brasil, em análise a comunicação e seu apelo no país, é mandatório pensar em televisão e suas produções. Mesmo nas áreas mais economicamente carentes no país, o televisor é um dos objetos mais populares nas residências.

O Brasil é um país marcado pela grande influência da televisão, segundo dados do IBGE (2018), apenas 2,8% dos domicílios não tinham um exemplar do aparelho até 2016. A

rede Globo de televisão chegou, em 2017, ao alcance de mais de 100 milhões de pessoas por dia, o que significa, no acumulado de um mês, 95% dos domicílios brasileiros com televisores. (GLOBO, 2018)

A fidelização da audiência ao canal é altíssima e historicamente sempre foi dessa maneira. Sobre isso, mas de forma mais ampla, considerando também as outras emissoras de sinal aberto no país, Maria Rita Kehl, diz:

As emissoras agem como se a faixa de transmissão, que é uma concessão pública, fossem propriedades privadas. A TV no Brasil adquiriu tal poder político que se parlamentares tentarem debater a democratização da mídia ou a renovação automática de concessões, caem no ostracismo e não conseguem se reeleger. (KEHL, *apud* COUTINHO; FREIRE, 2015)

Mundialmente a audiência de televisão está em constante declínio, principalmente com o rápido crescimento e mudanças impostas pela internet. Mas esses números no Brasil caem em velocidade muito menor aos apresentados em outros países. E mesmo com as quedas de audiência, o brasileiro gasta mais de 4 horas diárias dedicado a esse tipo de entretenimento, de acordo com pesquisa realizada pelo Ibope (2017). São 74% da população ligados a TV, todos os dias.

À princípio, o acesso à internet no país era para poucos, por conta do alto valor necessário para se ter um computador pessoal, com linha telefônica disponível e acesso para a conexão. Com o passar do tempo e o desenvolvimento tecnológico, mais opções de acesso apareceram, barateando e diversificando os equipamentos. E hoje, com os dispositivos de telefonia móveis, o acesso à internet via celular chega à maioria da população. Dentre os quase 50 milhões de brasileiros que acessam regularmente a internet, 69% estão conectados via *smartphone*, segundo números de 2017 (IBGE, 2018).

Portanto, na sociedade brasileira, com uma emissora de televisão que tem tamanha representatividade, somada a acessibilidade à internet via *smartphone*, foi possível estabelecer uma nova forma de consumo e geração de informação: o consumo em multitelas.

Multitelas é uma ação simultânea, que demanda divisão da atenção do espectador entre diferentes estímulos e plataformas. Enquanto assiste a televisão, o espectador está navegando também por sites e redes sociais. E como há interação nesses canais, além de consumir o conteúdo do primeiro, esse mesmo espectador cria o seu conteúdo derivado do que vê, normalmente, e compartilha com a sua rede de seguidores gerando uma conversa sobre o que está acontecendo. Esse hábito foi apontado como comum para 87% dos brasileiros, em pesquisa da *Provokers* de 2017 (MEIO E MENSAGEM, 2017).

Em 1964, Marshall McLuhan disse:

Estamos nos aproximando rapidamente da fase final das extensões do homem: a simulação tecnológica da consciência, pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e corporativamente a toda sociedade humana, tal como já se fez com nossos sentidos e nossos nervos através dos diversos meios e veículos. Se a projeção da consciência – já antiga aspiração dos anunciantes para produtos específicos – será ou não uma “boa coisa”, é uma questão aberta às mais variadas soluções. São poucas as possibilidades de responder a essas questões relativas às extensões do homem, se não levarmos em conta todas as extensões em conjunto. Qualquer extensão – seja da pele, da mão, ou do pé – afeta todo o complexo psíquico e social. (2007, p. 17)

As redes sociais, que não existiam quando McLuhan escreveu “O meio de comunicação como extensão do homem”, parecem se adequar perfeitamente ao que ele pensava ser, naquela época, a fase final da extensão do homem.

Em consequência a evolução social e tecnológica que transformou a comunicação nos últimos 20 anos, os formatos estão em constante aprimoramento e dão lugar a cópias revisadas do que era padrão anteriormente.

Seja para fins informativos, publicitários, ou de entretenimento, os formatos se adequam para que a comunicação possa acontecer de acordo com a nova demanda cultural. E são esses modelos, em conjunto com os, cada vez mais tecnológicos, *smartphones*, que

deixam gradativamente a comunicação mais horizontalizada e possível de ser feita por todos.

Estimou-se que em 2018 mais de 2,8 bilhões de pessoas já teriam perfis nas redes sociais, o que corresponde a 1/3 de toda população mundial. Segundo dados do *Statista* (2016), o Facebook teve diariamente 1,13 bilhão de usuários ativos, em média, durante 2016 (RABELO, 2017). E ainda segundo a própria empresa, diariamente são consumidos 100 milhões de horas de conteúdo em vídeo (FABIO, 2016). Já sobre o Google, o site TecMundo traz que, em média, cerca de 3,3 bilhões de pesquisas são feitas diariamente, o que dá em torno de 100 bilhões de pesquisas mensais (DIAS, 2014).

Chegamos a realidade da vida conectada 24/7. Vinte e quatro horas de produção diárias, durante os sete dias da semana. Não há mais espaço para a quietude. O consumo de informação é incessante e a cada ambiente visitado, mais notificações e ruídos são gerados. Há um vício derivado desse novo modelo de comunicação.

Essas redes mudaram o hábito de seus usuários, que hoje também estão interessados em produzir conteúdo. O que esse usuário faz no dia-a-dia, passou a ser interessante, desde onde se está, com quem, fazendo o que, usando qual marca, consumindo quais produtos, cozinhando quais receitas, vendo ou lendo quais canais, conseqüentemente, implicando numa obrigatoriedade de se saber sobre tudo o que acontece no mundo inteiro. Sobre isso, Giddens diz:

As transformações na auto-identidade e a globalização, como quero propor, são os dois polos da dialética do local e do global nas condições da alta modernidade. Em outras palavras, mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude. Não quero negar a existência de muitos tipos de conexões intermediárias — por exemplo entre localidades e organizações estatais. Mas o nível do distanciamento tempo-espço introduzido pela alta modernidade é tão amplo que, pela primeira vez na história humana, "eu" e "sociedade" estão inter-relacionados num meio global. (2002, p.36)

E para ser possível tamanha troca de informações, os formatos de conteúdo se adequam e, hoje, estamos vivendo a era dos vídeos, que segundo o estudo da *Target Group Index* (IBOPE, 2017), foi a forma de conteúdo mais consumida nesses canais até 2017. O vídeo traz ao telespectador som, com suas locuções, trilhas e ruídos. Visualmente com mais imagens e ação do que um formato estático, demanda menor tempo atenção do receptor, já que para ter a performance esperada, precisa ser curto e trazer toda informação anteriormente mostrada em formato de texto. Por mais rápido que seja, é mais ruidoso.

Essas novas técnicas são hoje um dos principais agentes de mudança na sociedade. São novas formas de pensar, existir e conviver. Dessa forma, assumem um papel relevante no cenário social, filosófico e político e tem impacto determinante também na subjetividade.

Nessas redes, não há mais horário nobre. O que é visto, é o ininterrupto acesso e interação entre pessoas, marcas, serviços e canais, fazendo com que se conheça uma nova percepção de tempo e espaço.

Não há, também, uma conduta preestabelecida nesses tempos de hiperconectividade e com a rápida popularização do celular com acesso à internet, vê-se um uso selvagem do meio. Não houve ponderação prévia sobre a qualidade e consequência da superexposição e o custo que isso já acarreta nas vidas pessoais.

O que o homem faz vira informação e só pode ser registrado e transmitido, através de alguma linguagem. Há codificação em tudo, do mais costumeiro, ao mais delicado dos gestos. Desde a forma como se vê o mundo e sua cultura, até íntimos pensamentos, ainda não necessariamente compreendidos. E, de fato, idealmente, a comunicação poderia ser o caminho para solução de problemas essenciais apresentados na contemporaneidade, uma vez que enlaça tudo e todos.

Inúmeros pensadores defendem esse potencial da comunicação. Dominique Wolton, diz que o interesse dele se dá pela forma como a comunicação medeia conflitos e possibilita a convivência (ROSSI, 2014). Já para Phillipe Breton, o recorte é um pouco diferente e mais pessimista, reconhece nessa transmissão de informação e conteúdo, um veículo para as disfunções sociais:

Com a comunicação ressurgiu o mito de um conceito vital único, que percorreria todas as atividades humanas e as englobaria. O pressuposto maior desse novo paradigma é esse lugar comum segundo o qual <<tudo é comunicação>> ou, de forma mais aceitável, que <<existe comunicação por toda a parte>>. Bastaria desde logo encontrar as leis gerais de funcionamento da comunicação para construir uma concepção unitária do mundo e, sobretudo, dispor dos meios para o dominar. A comunicação e as suas técnicas constituem-se, assim, como um recurso essencial para todas as disfunções da nossa sociedade. [...] A comunicação funciona, hoje, de forma cada vez mais sistemática no discurso social como um recurso universal, talvez mesmo como o único recurso. Cada problema encontraria, pois, uma abordagem <<racional>> graças à <<comunicação>> que originaria, ao mesmo tempo, a <<transparência>> na análise e o consenso na solução. (1992, p.118)

O que se entende acima é um modelo de sociedade voltada essencialmente a comunicação. Breton, com base nos estudos de Robert Weiner, classifica esse modelo de sociedade como utópico, além de violento e orientado à exclusão. É uma realidade aglutinadora, pautada nas crises ideológicas. Estruturas como família, religião e estado, perderam representatividade e são revisitadas de outra maneira, com a própria comunicação como via régia de seu discurso.

Fruto desse mundo utópico, é o *homo communicans*, um novo homem, conceito explorado por Weiner e Breton. “O ser é por inteiro constituído por informação. Não há mais nada” (BRETON, 1992, p.48).

É um homem sem interior, sem essência. Ao qual a comunicação e troca de informações é o valor supremo. O homem humanista, anterior a esse novo, era pautado no interior, profundidade de sentimentos, denso. Hoje, o interior está por inteiro para fora, moldado pela comunicação e conseqüentemente, pela mídia.

O homem, numa perspectiva comunicacional, não é apenas descorporalizado. Seria ignorar uma característica essencial da nova concepção se não ter em conta que a ligação social com base na comunicação deixa, finalmente, pouco espaço ao indivíduo, que já não é um actor individual, mas antes um reactor. Ele ocupa seu lugar na grande corrente da comunicação – onde as <<máquinas inteligentes>> são outros tantos parceiros – e o seu pensamento individual deixa de ser distinguível enquanto tal. (BRETON, 1992, p.55)

A nova sociedade, onde esse homem vive, não tem segredos. A vida que vale é a social, a da troca de informação. Esse conceito, de 1942, talvez tenha chegado ao seu significado áureo, com os bilhões de usuários diários das diversas redes sociais e o hábito que os leva a compartilhar suas vidas o tempo inteiro. O pensamento crítico e analítico já não tem tanto espaço, é externo ao corpo. Sobre isso, David Le Breton diz: “Uma palavra sem presença permanece sem efeito concreto sobre um ouvinte sem rosto” (1997, p.14).

As novas técnicas estimulam a perpetuação desse sujeito, com a crescente demanda por exposição pessoal, aos moldes da rápida, excessiva e ruidosa troca de conteúdo.

Os media ou as redes dão a cada pessoa a sensação de se lhes dirigirem familiarmente. São uma interrupção permanente do silêncio da vida, o seu ruído ocupa o lugar das conversas antigas. [...] O verdadeiro drama seria o silêncio dos media, uma avaria generalizada dos ordenadores, em resumo, um mundo entregue à palavra dos mais próximos, só com avaliações pessoais. A modernidade transforma o homem em lugar de trânsito destinado a receber uma mensagem infinita. (LE BRETON, 1997, p.14)

O enorme tempo dedicado a esses canais e seu alto valor percebido culturalmente, é superior ao tempo de reflexão, que poderia ser usado para uma melhor relação consigo mesmo e com o outro, em consequência. A hiperconectividade traz um custo pessoal proveniente do fluxo intenso e permanente de ruídos, palavras sem fim e conteúdos.

O sujeito é fundado a partir de um vazio e permanece dessa maneira, até o encontro com o Outro. Garcia-Roza diz: “O ser do oco ou da caverna consiste em ser um vazio, mas nem por isso ele pode ser identificado ao nada”. Citando Lacan, que estabelece que “o inconsciente não é nem ser, nem não-ser, ele é da ordem do não-realizado.” Então, conclui: “O vazio do inconsciente (e, portanto, do desejo), é pré-ontológico” (1993, p. 200).

Rimbaud diz, em carta enviada em 1871 ao seu professor, Georges Izambard:

É falso dizer: Eu penso. Devíamos dizer: pensam-me. - Perdão pelo jogo de palavras. Eu é um outro. Tanto pior para a madeira que se descobre violino, e ao Diabo os inconscientes que chicaneiam sobre o que ignoram por completo! (RIMBAUD, 2008, p.36)

O poeta coloca, com sua célebre frase nesta carta: “*je est un autre*”, o que Freud viria a estabelecer tempos depois, que o sujeito não se funda no pensamento, sua constituição está à mercê do outro, mesmo que não em sua totalidade, mas coloca a alteridade como determinante da instância do eu.

O sujeito é uma suposição. Sofre um processo de alienação antes mesmo de ser. Não é indivíduo, por não ser inteiro, nem consciente de si. O ser pensante, é apenas parte de sua configuração, que é mais ampla, formada pelo estruturalismo da consciência e a subjetividade originária da inconsciência.

Longe do racionalismo defendido pela filosofia positivista, do cogito cartesiano, o sujeito lacaniano é uma ilusão que sequer controla o próprio pensamento. Não é mais colocado no centro do mundo, dominante da razão. Isso se dá, já que para Lacan, com base na teoria freudiana do inconsciente, o sujeito não nasce, ele se constitui através do outro.

O sujeito não é sua inteligência, não está no mesmo eixo, é excêntrico. O sujeito como tal, funcionando como sujeito, é algo diferente de um organismo que se adapta. É outra coisa, e para quem sabe ouvi-lo, a sua conduta toda fala a partir de um outro lugar que não o deste eixo que podemos apreender quando

consideramos como função num indivíduo. (LACAN, 1995, p.16)

Do penso, logo existo cartesiano, estrutura-se o “penso onde não sou, logo sou onde não penso”, como diz Lacan:

Poucas foram as palavras com que, por um momento desconcertei meus ouvintes: penso onde não sou, logo sou onde não penso. Palavras que, para qualquer ouvido atento, deixam claro com que ambiguidade de jogo-do-anel escapa de nossas garras o anel do sentido no fio verbal.

O que cumpre dizer é: eu não sou lá onde sou joguete de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar. (1998, p.521)

O sujeito para dar conta de si como tal, aliena-se. Dá espaço, em sua subjetividade, ao Outro quando se percebe por ele e através dele. Porém é só por essa conclusão, do assujeitamento ao Outro pela linguagem e imagem, que o sujeito pode se ver sujeito, mesmo sendo esse, também um outro.

Vê-se pelos olhos do Outro e pensa a si pela linguagem do Outro. A verdade, não é mais toda, como nunca foi. O sujeito nunca foi indivíduo. Vem com o inconsciente uma singular subjetividade, colocando o sujeito em posição alienante em relação ao outro e a si próprio.

E a linguagem, que também dá estrutura ao inconsciente e precede o sujeito em sua existência, tem por função inscrevê-lo no mundo. Sobre isso, Lacan diz: “a forma como se exprime a linguagem define por si só a subjetividade” (1998, p. 299). E continua:

O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi com vistas ao que será. [...] Eu me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nela como objeto. (1998, p.301)

É por meio desse sistema de representações, baseado em significantes, que se determina o sujeito, mesmo que à sua revelia. E quando o sujeito passa a referir sobre si mesmo ao outro, o fará através do simbólico. Segundo Plon e Roudinesco:

Um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização. (1998, p.714)

O simbólico é o lugar fundamental da linguagem, é nesse registro que se dará a relação do sujeito com a alteridade, representada em Lacan pelo grande Outro.

A linguagem é formada por signos. E através desses signos, consolida-se o significante, que é relativo a coisa em si, conceitual e é anterior ao significado. Sobre a definição de significante, no contexto da psicanálise, Isabel Jungk diz:

Em psicanálise, o termo significante não designa uma realidade tangível, mas sim, uma espécie de “causa” de certos fatos que se materializam e se repetem ao longo da vida do *parlêtre*. Um significante é uma entidade formal, observável, apenas porque a ela estão referidos fatos (falas e atos) do sujeito que se repetem com certa insistência. (JUNGK, 2009, p.38)

O sujeito é efeito de seu meio social, está posto por ele. Constituído através do olhar do Outro e formado pela linguagem que lhe foi introjetada, porém, essa equação não faz do sujeito um ser passivo, mas sim, reativo. Um sujeito através de sua relação com o objeto.

O grande Outro é a instância que organiza o sujeito, mas, paralelamente, também o desorganiza. É um lugar simbólico, uma lei que determina esse sujeito. Sintetiza a linguagem. O sujeito se constitui através do desejo do grande Outro.

O homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está

irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.
(ORLANDI, 2005, p. 29-30)

O grande Outro é o símbolo da alteridade absoluta. É um lugar, à luz do discurso do inconsciente, onde o sujeito é pensado além de sua voz egóica, Nada lhe escapa, seja físico, mental, ou onírico, ações ou reações. São os significantes desse Outro, que atravessam o sujeito fazendo com que ele não tenha sua própria individualidade.

O grande Outro se impõe, é o que vem como força alienante para sobredeterminar o sujeito. *A priori*, pode ser entendido como uma figura parental, o primeiro conjunto de significantes a se impor ao sujeito. O psicanalista lacaniano, Bruce Fink, exemplifica abaixo:

Tais imagens são investidas, catequizadas, e internalizadas pela criança porque seus pais atribuem muita importância a elas, afirmando com insistência que a imagem no espelho é a criança; “Sim, neném, aquela é você!” Outras imagens ideais são igualmente assimiladas pela criança, imagens essas que são derivadas da imagem dela refletida pelo Outro parental: "uma boa menina" ou uma "menina má", "um filho modelo" e assim por diante. Tais “imagens” derivam de como o Outro parental "vê" a criança e são, portanto, estruturados linguisticamente. (1998, p.57)

A linguagem é outra forma de alteridade e precede a todos. A comunicação é preexistente ao sujeito, seja esse quem for. A imposição de um campo de significantes, que não alcançará a mensagem em nenhuma circunstância, também é constitutiva do sujeito como tal.

A pessoa, ou instituição, que tomar esse lugar de fala para si, estabelece-se como o grande Outro para um sujeito, na ordem simbólica, inconscientemente. Lacan diz, que “o Outro é aquilo diante do qual vocês se fazem reconhecer” (1985, p.63).

Como necessidade ao caos estabelecido pelas novas técnicas comunicacionais, e a “radicalização do simbólico” (GARCIA-ROZA, 2003, p. 117), busca-se uma instância

que alcance, organize e nomeie esse momento. Compreendendo essa necessidade, à luz da lógica lacaniana, é possível posicionar essas novas técnicas como um outro Outro, o grande Outro do século XXI. Garcia-Roza, reforça essa nova alteridade:

Não há, num mundo estruturado dessa maneira, lugar para o acaso, e a própria vontade individual é transformada num mero efeito dessa ordem. “a entrada em função do sistema simbólico em seu mais radical, mais absoluto, emprego, acaba abolindo tão completamente a ação do indivíduo, que elimina, da mesma feita, sua relação trágica com o mundo.” Sem a relação simbólica, o imaginário permanece enlouquecido, com a radicalização do simbólico o sujeito é transformado num objeto sujeitado por uma ordem absoluta que é sentida por ele como exterior e inexorável. (2003, p. 118)

Em “A derrota do sujeito” (2016), Roudinesco faz uma análise sobre o sujeito da atualidade, lutando por sua massificação nas redes: somos todos iguais perante as normas do outro Outro e seus novos objetos *a*, mas sobretudo, lutando e perseguindo uma individualidade impossível de se alcançar e antagônica ao primeiro movimento.

A autora segue em sua análise, onde aponta que através da globalização, veículo máximo da massificação, a população “passou da era do confronto para a era da evitação”.

A mudança na alteridade é refletida no sujeito da pós-modernidade. Mas o papel do Outro na construção da subjetividade se mantém. Vê-se o declínio das figuras parentais, o enfraquecimento do processo de Édipo na subjetivação. O que se tem é um novo processo com os mesmos conceitos, mas que trarão novos sintomas e cenários, dos quais será necessário a adequação do sujeito.

Não podemos inferir os resultados possíveis de uma mudança desse lugar e de sua função, mas talvez seja possível pensar que durante muito tempo teremos cada vez mais que lidar com sujeitos cuja relação, a partir da negação das relações com o simbólico (heranças culturais de qualquer espécie) se estreitam na relação com o imaginário. (FANTINI, 2009)

A liberdade de expressão e escuta, oferecida pela mídia social, é colocada como uma extensão da subjetividade. Ela é quem, hoje, atravessa o sujeito, na posição de demanda e de desejo. No registro do simbólico, onde o grande Outro está inscrito, o sujeito projeta suas aspirações narcísicas e a mídia funciona como extensão desse narcisismo. E pelo campo da alienação, anula-se pelo desejo desse outro Outro.

Há quem não suporte, nos dias de hoje, a quietude e ausência de ruídos. Esse, ao entrar no carro liga o rádio, por exemplo. Ao chegar em casa a TV já o acompanha falando com suas trilhas e efeitos sonoros, quando não, junto com algum outro aparelho que também tem som. Ao se ver só, em algum momento, recorre ao celular com seus conteúdos ricos em imagens e sons.

Acessibilidade o tempo todo e a partir de qualquer lugar. A pessoa que parte desse *status quo*, é necessariamente uberconectada. A troca e o compartilhamento, nesse modelo, são mandatórios. Vive-se hoje parametrizando sentimentos por meio de *likes*, *shares* e *comments*. É uma nova maneira de se relacionar, que mantém o silêncio como negativo, como algo a ser evitado. Para pertencer é preciso compactuar.

Freud nos mostrou em “O mal-estar na cultura”, de 1930, que a grande dor do homem provém das relações humanas. Então, nosso grande desafio, hoje, é aprender a equilibrar o excesso de informações comportando e tolerando os ruídos trazidos por tudo isso e que ultrapassam quaisquer tipos de limites.

O sujeito é um ser social e cultural, portanto, comunicacional, e necessita dessa troca e comunhão que as relações trazem. A questão é realmente estabelecer limites saudáveis, para que outras necessidades subjetivas tenham espaço no mundo hiperconectado.

O encontro entre o ser faltante, explicado por Lacan, e as redes sociais pensando a construção do sujeito à luz do grande Outro, tem colocado em cheque alteridades anteriormente fundantes desse sujeito. A decadência na representação de autoridades como igreja, estado e família é o estabelecimento de outro Outro, aqui representado pelas redes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976. 397p.

BERNERS-LEE, Tim. *The web can be weaponised – and we can't count on big tech to stop it*. The Guardian, 2018. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/mar/12/tim-berners-lee-web-weapon-regulation-open-letter>> Acesso em: 15 de julho de 2017.

BRETON, Phillipe. **A utopia da comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. 148p.

COUTINHO, José; FREIRE, Simone. **Entidades discutem influência da Globo sobre a cultura**. Brasil de Fato, 2015. Disponível em:

<<https://www.brasildefato.com.br/node/31912/>> Acesso em: 05 de julho de 2018.

DIAS, Guilherme. **Cerca de 100 bilhões de buscas são realizadas no Google mensalmente**. TecMundo, 2014. Disponível em:

<<https://www.tecmundo.com.br/google/53852-cerca-de-100-bilhoes-de-buscas-sao-realizadas-no-google-mensalmente.htm>> Acesso em: 20 de julho de 2018.

FABIO, André Cabette. **Por que o Facebook diz que os vídeos são o futuro da rede**. Nexo Jornal, 2016. Disponível em:

<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/21/Por-que-o-Facebook-diz-que-os-v%C3%ADdeos-s%C3%A3o-o-futuro-da-rede>> Acesso em: 20 de julho de 2018.

FANTINI, João Ângelo. **Violência e Metáfora Paterna no Cinema**. 2009. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/280611069_Violencia_e_Metafora_Paterna_no_Cinema> Acesso em: 28 de julho de 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004. 2120p.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano. Entre a linguagem e o gozo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 253p.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura.** Porto Alegre: L&PM POCKET, 2015. 192p.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia Freudiana 2. A interpretação do sonho.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 235p.

_____ **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 128p.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 233p.

GLOBO. **Globo celebra alcance de mais de 100 milhões de pessoas por dia.** Rede Globo, 2017. Disponível em:

<<https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/globo-celebra-alcance-de-mais-de-100-milhoes-de-pessoas-por-dia.ghtml>>

Acesso em: 20 de julho de 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD Contínua. Características gerais dos domicílios e dos moradores 2017.**

Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101566_informativo.pdf> Acesso

em: 12 de julho de 2018.

IBOPE. **Parando para falar e escutar em um ambiente multimeios.** Kantar Ibope Media, 2017. Disponível em:

<<https://www.kantaribopemedia.com/parando-para-falar-e-escutar-em-um-ambiente-multimeios/>> Acesso em: 13 de julho de 2018.

JUNGK, Isabel Victoria Galleguillos. **Modelos de sensibilidade. Alíngua e condensação, sentido e motivação.** 2009, 122p. Dissertação (Especialização em Semiótica Psicanalítica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

_____ **A palavra como mediação entre a percepção humana e o existente.** Revista Eletrônica de Filosofia, 2016. Disponível em:
< <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitio/article/view/26756/21635>> Acesso em: 03 de julho de 2018.

LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 937p.

_____ **O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 413p.

LE BRETON, David. **Do Silêncio.** Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 279p.

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensão do homem.** São Paulo: Cultriz, 2007. 407p.

MEIO E MENSAGEM. **Consumo de vídeo na internet cresce 90% em três anos.** Meio e Mensagem, 2017. Disponível em:
<<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/09/13/consumo-de-video-na-internet-cresce-90-em-tres-anos.html>>

Acesso em: 14 de julho de 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas: Unicamp, 2005.

PLON, Michel & ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 874p.

RABELO, Agnes. **85 estatísticas de SEO: Conheça os dados do mercado mundial.** Inteligência Rock Content, 2017. Disponível em:

<<https://inteligencia.rockcontent.com/estatisticas-de-seo/>> Acesso em: 20 de julho de 2018.

_____ **Panorama mundial das redes sociais: 91 estatísticas que você precisa saber.** Inteligência Rock Content, 2017. Disponível em:

<<https://inteligencia.rockcontent.com/estatisticas-de-redes-sociais/>> Acesso em: 20 de julho de 2018.

RIMBAUD, Arthur. **Correspondência**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008. 474p.

ROSSI, Fabio. **Dominique Wolton, Sociólogo: ‘Quando todos falam, ninguém fala’**. O Globo, 2014. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/dominique-wolton-sociologoquando-todos-falam-ninguem-fala-13994845>> Acesso em: 21 de julho de 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A derrota do sujeito**. Fronteiras do Pensamento, 2016. Disponível em:

<<https://www.fronteiras.com/artigos/elisabeth-roudinesco-a-derrota-do-sujeito>>

Acesso em: 28 de julho de 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2016. 186p.